

A Revelação de Jesus Cristo - Número Nove

A Narrativa Profética Final de Isaías: A Revelação de Cristo e o Papel Profético dos 144.000

Jeff Pippenger
2023-11-01

O livro de Isaías, e especialmente a narrativa profética final de Isaías encontrada nos capítulos quarenta a sessenta e seis, é uma apresentação que enfatiza algumas importantes verdades proféticas diretamente ligadas à Revelação de Jesus Cristo, que agora está sendo deslacrada à medida que nos aproximamos do encerramento da provação humana. Uma dessas verdades é a revelação do Alfa e Ômega. Nenhum outro livro da Bíblia se aproxima do testemunho de Isaías acerca do elemento do caráter de Deus que ilustra o fim de uma coisa pelo seu começo.

Quem operou e fez isto, chamando as gerações desde o princípio? Eu, o Senhor, o primeiro, e com os últimos, eu mesmo. Isaías 41:4.

É em Isaías que Deus identifica aquilo que prova que Deus é Deus.

Assim diz o Senhor, o Rei de Israel, e seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último; e fora de mim não há Deus. E quem, como eu, proclamará, o declarará e o porá em ordem para mim, desde que constituí o povo antigo? E quanto às coisas que estão para vir e às que hão de acontecer, que as anunciem. Não temais, nem vos assusteis: não vos tenho dito desde então e o declarado? Vós sois as minhas testemunhas. Há um Deus além de mim? Sim, não há outro; não conheço nenhum. Isaías 44:6-8.

A narrativa profética final de Isaías enfatiza o cumprimento perfeito e definitivo da chegada do Consolador que Jesus prometeu.

Ouvi-me, vós que seguis a justiça, vós que buscais o Senhor: olhai para a rocha de onde fostes talhados, e para a pedreira de onde fostes escavados. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz; porque eu o chamei estando ele só, abençoei-o e o multipliquei. Porque o Senhor consolará Sião; ele consolará todos os seus lugares assolados; e fará o seu ermo como o Éden, e o seu deserto como o jardim do Senhor; ali se acharão alegria e júbilo, ações de graças e voz de cântico. Isaías 51:1-3.

O Consolador chegou em julho de 2023. Outra verdade destacada na narrativa de Isaías é a história oculta, em três etapas, dos sete trovões, que é a estrutura de "emeth", a palavra hebraica formada pela primeira, pela décima terceira e pela última letra do alfabeto hebraico.

Uma voz de tumulto vinda da cidade, uma voz do templo, a voz do Senhor que retribui aos seus inimigos. Isaías 66:6.

Outra verdade importante apresentada em Isaías é o papel do Islã como instrumento do juízo executivo de Deus, primeiro sobre os Estados Unidos e, depois, sobre o mundo, para a aprovação da imposição do domingo.

Com medida, quando lançar brotos, tu contenderás com ela; ele refreia o seu vento áspero no dia do vento oriental. Isaías 27:8.

Todas essas verdades poderiam ser categorizadas como componentes da mensagem do Clamor da Meia-Noite, que é a parábola das dez virgens como representação da mensagem do Apocalipse de Jesus Cristo, que o Pai deu a Jesus, que a deu a Gabriel, que a deu a João, que a escreveu e a enviou às igrejas. Temos utilizado a última narrativa de Isaías para sustentar a linha de eventos proféticos que começa no capítulo onze do Apocalipse, e agora chegamos ao capítulo doze, onde encontramos a mulher vestida do sol retratada com o simbolismo que é tão solidamente sustentado por Isaías, a saber: que Cristo ilustra o fim de uma coisa com o princípio de uma coisa.

E apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo de seus pés e, sobre a sua cabeça, uma coroa de doze estrelas. E, estando grávida, gritava com as dores de parto e sofria tormentos para dar à luz. E apareceu outro sinal no céu: eis um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete coroas. E a sua cauda arrastou a terça parte das estrelas do céu e lançou-as à terra; e o dragão pôs-se diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar o seu filho assim que nascesse. E ela deu à luz um filho, um varão, que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono. Apocalipse 12:1-5.

A mulher de Apocalipse 12 é um símbolo do povo escolhido de Deus ao longo da história. As doze tribos do antigo Israel literal representam o início do povo da aliança escolhido por Deus. As doze tribos tipificam o fim do antigo Israel literal, quando Cristo escolheu doze discípulos. Aqueles doze discípulos, no fim do antigo Israel literal, foram também os doze apóstolos no início do Israel espiritual moderno. Duas testemunhas do início e uma do fim se combinam para estabelecer três testemunhas que identificam os cento e quarenta e quatro mil como o fim do Israel espiritual moderno.

Os cento e quarenta e quatro mil são também o estandarte que foi lançado fora por seus irmãos. Eles são o estandarte que era um vale de ossos mortos e secos, que jazia na rua da grande cidade de Sodoma e do Egito, e foram assassinados pela besta que subiu do poço sem fundo. Eles são o estandarte, que são as pedras da coroa que a mulher usa na cabeça.

E o Senhor, seu Deus, os salvará naquele dia, como o rebanho do seu povo; pois serão como as pedras de uma coroa, elevados como um estandarte sobre a sua terra. Zacarias 9:16.

O estandarte, que são os cento e quarenta e quatro mil, são pedras, assim como Cristo.

E todos beberam da mesma bebida espiritual, porque bebiam da rocha espiritual que os seguia; e essa rocha era Cristo. 1 Coríntios 10:4.

Cristo tipifica os cento e quarenta e quatro mil, e Pedro concorda com Paulo que Cristo é a "pedra viva" que foi reprovada, e Pedro também identificou que o povo de Deus também são "pedras vivas".

Aproximando-vos dele, como de uma pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas eleita por Deus e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificadas como casa

espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. 1 Pedro 2:4, 5.

Os cento e quarenta e quatro mil não são apenas as pedras na coroa da mulher, são a própria coroa.

Por amor de Sião não me calarei, e por amor de Jerusalém não descansarei, até que a sua justiça saia como resplendor, e a sua salvação, como uma lâmpada que arde. E as nações verão a tua justiça, e todos os reis, a tua glória; e serás chamada por um novo nome, que a boca do Senhor nomeará. Também serás uma coroa de glória na mão do Senhor, e um diadema real na mão do teu Deus. Isaías 62:1-3.

Cristo tipifica os cento e quarenta e quatro mil. Ele é a Rocha, e eles são "pedras". Eles são uma "coroa de glória na mão do Senhor", e Cristo é a coroa de glória.

Naquele dia, o Senhor dos Exércitos será por coroa de glória e por diadema de beleza ao remanescente do seu povo, e por espírito de juízo àquele que se assenta para julgar, e por força aos que fazem retroceder a batalha até a porta. Isaías 28:5, 6.

Ao considerar o número doze no contexto de início e fim, a mulher representa o povo da aliança escolhido do antigo Israel no Monte Sinai, até a história dos cento e quarenta e quatro mil. Eles têm sido tipificados por Cristo, e seu nascimento tipificou a ressurreição dos ossos secos mortos da rua onde tinham sido assassinados em 18 de julho de 2020. O processo em duas etapas que Ezequiel trinta e sete identifica tão sucintamente, que traz à vida esses dois profetas, é 'mencionado pela primeira vez' na criação de Adão.

Adão foi criado em duas etapas. Primeiro foi formado; depois, Cristo soprou nele o sopro de vida, assim como o sopro dos quatro ventos em Ezequiel trouxe os ossos secos à vida. Adão foi criado como um homem plenamente maduro, mas, ainda assim, sua criação foi o seu nascimento. Os cento e quarenta e quatro mil nascem após três dias e meio simbólicos jazendo mortos na rua que atravessa o vale da morte. Os cento e quarenta e quatro mil nascem da mulher que deu à luz o "filho varão: que havia de reger com vara de ferro". Como símbolo da igreja ao longo da história, a mulher de Apocalipse doze representa a mesma simbologia que a "montanha" de Daniel dois.

"Apocalipse é um livro selado, mas também um livro aberto. Ele registra eventos maravilhosos que hão de ocorrer nos últimos dias da história desta terra. Os ensinamentos deste livro são definidos, não místicos nem ininteligíveis. Nele é retomada a mesma linha de profecia que em Daniel. Algumas profecias Deus repetiu, mostrando assim que se deve dar importância a elas. O Senhor não repete coisas que não têm grande importância." Manuscript Releases, volume 9, 8.

A mesma linha de profecia que se encontra em Daniel é retomada no Apocalipse. A pedra de Daniel, que é cortada do monte sem mãos, corresponde às "pedras vivas" de Pedro, que "são edificadas como casa espiritual, um sacerdócio santo"; e a pedra de Daniel também representa os cento e quarenta e quatro mil. O monte é a igreja de Deus ao longo da história.

E, nos dias desses reis, o Deus do céu estabelecerá um reino que jamais será destruído; e esse reino não será deixado a outro povo; mas despedaçará e consumirá todos estes reinos, e subsistirá para sempre. Visto que viste que a pedra foi cortada do monte, sem auxílio de mãos,

e que ela despedaçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro; o grande Deus deu a conhecer ao rei o que há de acontecer depois disto; e o sonho é certo, e a sua interpretação, segura.
Daniel 2:44, 45.

A mensagem do clamor da meia-noite dos cento e quarenta e quatro mil também é representada como a chuva serôdia, e é no tempo da chuva serôdia que Deus 'estabelece' o reino representado pela pedra de Daniel.

A chuva serôdia vem sobre os que são puros; então todos a receberão como antes.

"Quando os quatro anjos soltarem, Cristo estabelecerá o Seu reino. Ninguém recebe a chuva serôdia senão os que fazem tudo quanto podem. Cristo nos ajudaria. Todos poderiam ser vencedores pela graça de Deus, pelo sangue de Jesus. Todo o céu está interessado na obra. Os anjos estão interessados." Spalding e Magan, 3.

Os quatro ventos do Islã são liberados por ocasião da lei dominical, e então Cristo estabelece o Seu reino. Isso ocorre nos dias dos reinos espirituais de Daniel, capítulo dois. Os últimos quatro reinos espirituais no sonho de Nabucodonosor foram tipificados pelos primeiros quatro reinos literais. A Babilônia literal, a Medo-Pérsia, a Grécia e Roma representam a Babilônia espiritual, a Medo-Pérsia, a Grécia e Roma.

Babilônia espiritual é a cabeça de ouro, que recebeu uma ferida mortal em 1798, como tipificado quando Nabucodonosor foi temporariamente removido do poder por "sete tempos". Quando a união tríplice do dragão, da besta e do falso profeta formar o oitavo reino, que é dos sete, ele será composto por todos os reinos espirituais, representados na imagem de Nabucodonosor do capítulo dois. O papado morto e o papado ressuscitado são a cabeça de ouro espiritual no início e no fim dos quatro reinos espirituais da imagem. Os Estados Unidos, como o segundo dos quatro reinos, são representados como a Medo-Pérsia espiritual. As Nações Unidas, como o terceiro dos quatro reinos, são representadas como a Grécia espiritual e, juntas, compõem a união tríplice do dragão, da besta e do falso profeta para estabelecer o oitavo reino, que é dos sete. O papado é o anticristo e busca contrafazer Cristo. Nesse sentido, dentre os últimos quatro reinos espirituais, o papado é o primeiro e o último.

A pedra cortada do monte torna-se um reino que enche toda a terra, e é erigido como um estandarte nos "dias destes reis", pois todos os reinos espirituais da imagem estão ativamente representados nos "últimos dias". A elevação do estandarte, que é o estabelecimento do reino de Cristo, ocorre quando os quatro ventos do Islã são soltos, e a chuva serôdia é derramada sem medida por ocasião da lei dominical.

A pedra cortada da montanha despedaçará todos os reinos espirituais da terra, representados por "o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro." Os cento e quarenta e quatro mil representam Cristo, que em Apocalipse doze é "o filho varão", cujo nascimento tipificou o nascimento dos cento e quarenta e quatro mil. O "filho varão" há de "governar todas as nações com vara de ferro." Com essa vara, despedaçará as nações.

Declararei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho; eu, hoje, te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e os confins da terra por tua possessão. Tu as quebrarás com vara de ferro; tu as despedaçarás como um vaso de oleiro. Salmo 2:7-9.

O Filho de Deus foi gerado pelo Pai. Muitos tomam essa verdade e a deturpam para a sua própria destruição. "Gerado" significa dar à luz, mas sabemos que nunca houve um tempo em que Cristo não existisse.

"Ora, o Espírito diz expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos sedutores e a doutrinas de demônios; falando mentiras em hipocrisia; tendo a consciência cauterizada com ferro em brasa.' Antes dos últimos desdobramentos da obra da apostasia haverá uma confusão quanto à fé. Não haverá ideias claras e definidas acerca do mistério de Deus. Uma verdade após outra será corrompida. 'E, sem controvérsia, grande é o mistério da piedade: Deus foi manifestado em carne, justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido acima na glória.' Há muitos que negam a preexistência de Cristo e, portanto, negam sua divindade; não o aceitam como Salvador pessoal. Isso é uma negação total de Cristo. Ele era o Filho unigênito de Deus, que era um com o Pai desde o princípio. Por meio dele foram feitos os mundos." Sinais dos Tempos, 28 de maio de 1894.

Quando Cristo é identificado como o “gerado” do Pai, identifica-se uma verdade associada a Cristo, uma verdade que é destruída se for forçada ao modelo de paternidade humana. Não podemos avaliar Deus a partir da nossa perspectiva humana. Só podemos avaliar Deus conforme Ele nos apresenta a Sua avaliação de Si mesmo.

Que o ímpio abandone o seu caminho, e o homem iníquo os seus pensamentos; e que se volte para o Senhor, e ele terá misericórdia dele; e para o nosso Deus, porque ele perdoará abundantemente. Pois os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos. Isaías 55:7-9.

Distorcer a palavra "gerado" para afirmar que houve um tempo em que o Pai deu à luz a Cristo é dar "ouvidos a espíritos sedutores e doutrinas de demônios." Para os fins do nosso estudo atual, estou simplesmente apontando que a mulher de Apocalipse doze havia de dar à luz ao "filho varão" que há de reger as nações com vara de ferro. Os cento e quarenta e quatro mil também regerão as nações com vara de ferro.

A igreja de Tiatira retorna quando a ferida mortal do papado for curada na lei dominical. Nessa história, a promessa dada ao povo de Deus é que os que vencerem governarão as "nações" com "uma vara de ferro."

Ao que vencer e guardar as minhas obras até o fim, eu lhe darei autoridade sobre as nações; e ele as regerá com vara de ferro; como os vasos de um oleiro, elas serão despedaçadas; assim como eu recebi de meu Pai. Apocalipse 2:26, 27.

O povo de Deus que está na manifestação final da Igreja de Tiatira são os cento e quarenta e quatro mil. A mulher, no princípio, deu à luz a Cristo e, no fim, dá à luz aos cento e quarenta e quatro mil, que seguem o Cordeiro.

E cantavam como que um cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais e dos anciãos; e ninguém podia aprender esse cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil, que foram remidos da terra. Estes são os que não se contaminaram com mulheres; pois são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá. Estes foram remidos dentre os homens, sendo primícias para Deus e para o Cordeiro. Apocalipse 14:3, 4.

Cristo nasceu "primeiro", e os cento e quarenta e quatro mil seguem o Cordeiro, então eles nascem "por último". Cristo foi "arreatado para Deus", assim como foram as duas testemunhas de Apocalipse onze. Ambos os filhos dela ascendem ao Pai.

E ela deu à luz um filho varão, que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arreatado para Deus e para o seu trono. Apocalipse 2:5.

Cristo, como o Senhor dos Exércitos, é também a "porção de Jacó," e Israel é "a vara da sua herança," e Israel é também Seu "machado de batalha e" Suas "armas de guerra" que Ele usa para "quebrar em pedaços as nações."

A porção de Jacó não é como eles; porque ele é o formador de todas as coisas; e Israel é a vara da sua herança; o Senhor dos Exércitos é o seu nome. Tu és meu machado de guerra e minhas armas de guerra; pois contigo despedaçarei as nações, e contigo destruirei reinos. Jeremias 51:19, 20.

Cristo e os cento e quarenta e quatro mil tanto governam quanto despedaçam as nações com uma vara de ferro. Cristo é a "porção de Jacó", mas o seu povo também o é.

Pois a porção do Senhor é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança. Deuteronômio 32:9.

A pedra cortada da montanha, representando a igreja de Deus, é a manifestação final de Sua igreja que enche a terra de Sua glória, e ela é usada como machado de guerra de Deus para golpear os pés da imagem e reduzir aqueles reinos à "palha das eiras de verão". Esses reinos são varridos pelo vento.

Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram, todos juntos, despedaçados e se tornaram como a palha das eiras de verão; e o vento os levou, de modo que não se achou lugar para eles: e a pedra que feriu a imagem tornou-se um grande monte e encheu toda a terra. Daniel 2:35.

Era necessário situar o simbolismo da mulher no contexto do estandarte que é erguido aos céus, pois o capítulo doze de Apocalipse identifica o início de uma guerra entre Cristo e Satanás que começou no céu e, ao fazê-lo, está identificando uma guerra no céu que assinala o fim da grande controvérsia entre Cristo e Satanás. Os capítulos doze e treze de Apocalipse ilustram a guerra final da grande controvérsia, e o fazem ao ilustrar os representantes de Satanás e os cento e quarenta e quatro mil batalhando nos céus.

No próximo artigo, passaremos a abordar a guerra no céu nos "últimos dias", que foi prefigurada pela guerra no céu que começou no princípio.

E vi outra besta subir da terra; tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, e falava como um dragão. E exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença, e faz com que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja ferida mortal foi curada. E opera grandes maravilhas, de modo que faz descer fogo do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra por meio dos milagres que tinha poder para fazer diante da besta, dizendo aos que habitam na terra que façam uma imagem à besta, que recebera a ferida de espada e viveu. E lhe foi dado poder para dar vida à imagem da besta, para que a imagem da besta até falasse e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta. E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, lhes seja posto um sinal na mão direita ou na testa; e que ninguém possa comprar ou vender, senão quem tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome. Aqui está a sabedoria. Quem tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem; e o seu número é seiscentos e sessenta e seis. Apocalipse 13:11-18.